

Maternidade: significados e sentidos*

Conceição Aparecida Serralha

UFTM/IBPW/IWA

Um dos significados do termo *maternidade* exprime o estado de mãe, o estado de ser mãe, e não aquele referente ao estabelecimento hospitalar público ou privado que acompanha mulheres em trabalho de parto. Esse significado é compartilhado por todos nós e nos permite reconhecer do que estamos falando em qualquer língua ou cultura.

Mas, e os sentidos? De acordo com Goldbrug (2011), um sentido está para além de um dado mnêmico objetivo, melhor dizendo, um sentido é um processo subjetivo e vai se relacionar às experiências que o indivíduo que dá o sentido vivenciou; trata-se do desdobramento e integração de um conjunto de elementos vivenciados. Assim, o que vou destacar neste texto são os sentidos construídos por algumas mulheres, que não deixam de ter uma relação com esse significado, mas que, de fato, vão se referir à interpretação que cada uma delas pôde conferir à experiência de *ser mãe* e que têm relação com suas vivências anteriores.

Nos últimos tempos, um movimento tem chamado a atenção em nossa sociedade: o movimento “Mãe arrependida”. Algumas mulheres, a convite de Karla Tenorio, atriz e escritora, 38 anos, mãe de uma menina de 10 anos, resolveram se unir para viabilizarem um espaço de desconstrução da “maternidade compulsória”, que possa receber “as dores, os medos, as frustrações e a pluralidade de experiências”¹ do ser mãe. Assim, eu quis trazer esse tema do arrependimento materno para questionar e discutir alguns pontos a partir do pensamento de Winnicott.

O meu primeiro questionamento é: não seria a “maternidade compulsória” um sentido dado por Karla – mas não só por ela – com base em suas vivências pessoais? Será que todas as mulheres sentem a obrigação de serem mães e o são apenas por isso? As mães que compõem esse movimento, ao exporem seus sentimentos e razões para o arrependimento de terem se tornado mães, justificam-no pelas responsabilidades, pressões sociais, ilusões perdidas, falta de

* Texto originalmente apresentado em 25 de setembro de 2021 no *X Colóquio Winnicott do Rio de Janeiro: Maternidade*. Corrigido e revisado para a presente edição.

¹ Todas as referências ao movimento de Karla Tenório podem ser encontradas em: <https://www.cadaminuto.com.br/noticia/2021/05/08/eu-detesto-ser-mae-desde-o-momento-em-que-a-cabeca-da-minha-filha-saiu-durante-o-parto-naquela-hora-eu-me-perguntei-se-nao-tinha-como-voltar-atras-mas-nao-dava-afirma-karla-tenorio>

tempo para si mesmas, obrigações de cuidar, entre outras justificativas, mas não deixam de afirmar que amam seus filhos.

A primeira vez que tive conhecimento desse movimento foi por meio de uma reportagem publicada no site Cada minuto, em 08 de maio de 2021, no qual Karla escreveu: “Eu detesto ser mãe desde o momento que a cabeça de minha filha saiu, durante o parto. Naquela hora, eu me perguntei se não tinha como voltar atrás, mas não dava”. Segundo Karla, a partir desse momento, ela começou a sentir os sintomas do arrependimento materno: frustração, sensação de que a vida acabou, sentimentos de abandono e desânimo para o desenvolvimento de novos projetos. Algumas questões que poderíamos levantar neste ponto seriam: como podemos discriminar esses sintomas de arrependimento de ser mãe daqueles que são estudados há vários anos sobre depressão pós-parto, ou mesmo depressão maior? Será que realmente estamos diante de algo novo, de nosso tempo? Que modo é esse com o qual nós, enquanto membros de uma sociedade ou comunidade, estamos olhando para as mulheres que se tornam mães, que faz com que elas necessitem fazer emergir um movimento para que possam ser ouvidas, percebidas e apoiadas?

Winnicott (1948/1993, pp. 237-238) disse que as pessoas podem atender a um bebê de algum modo, como, por exemplo, dando-lhe alimento ou trocando-lhe a fralda, mas outras necessidades só poderiam ser satisfeitas por uma pessoa que tivesse um *interesse de mãe*. Um exemplo desse interesse seria o fornecimento de uma “sensação de continuidade pessoal e interna”. Contudo, não há possibilidade de essa continuidade ser fornecida adequadamente por várias pessoas, pois se trata de uma *continuidade de detalhes* que acompanha o bebê desde o útero materno, que, teoricamente, só a mãe poderia continuar fornecendo. O bebê, no início, exige “a sutileza de entendimento da mãe verdadeira” (1988/1990, p. 133), o que, na realidade, não é o mesmo que dizer que esses cuidados com essa sutileza só possam ser exercidos pela mãe biológica. Para Winnicott (1956/1993, p. 404), era plenamente possível que “uma mãe adotiva, ou qualquer mulher” pudesse apresentar uma preocupação materna primária e ser capaz de se adaptar suficientemente bem às necessidades do bebê, em razão de ter “alguma capacidade de se identificar com o bebê”.

Para ser essa mãe verdadeira, o que uma pessoa precisaria possuir seria o que Winnicott (1988/1990, p. 151) chamou de elemento feminino puro integrado, que, em um texto anterior (Serralha, 2017), chamei de *elemento identidade puro* – tomando por base o texto de Loparic sobre a raiz identitária e a raiz instintual de nossa constituição –, que entendo conseguir expressar melhor o que Winnicott quis nos transmitir: um elemento que permite que a mulher ou o homem *sejam e deixem ser*. Por que digo a mulher ou o homem? Porque, para Winnicott

(1966/1994), tanto esse elemento quanto o elemento masculino puro, que por sua vez chamei de *elemento instintualidade puro*, nada têm a ver com o sexo biológico dos cuidadores.

Ao analisar a capacidade de uma mulher de “produzir um bebê vivo, íntegro e real”, Winnicott estabelecia uma diferença entre a capacidade biológica e a capacidade psicológica dessa mulher. Ele considerava que, algumas mães podem ficar extremamente confusas diante de seu bebê recém-nascido, pois mal acreditam que ele foi trazido por elas ao mundo. No caso de a mãe não ter a sustentação necessária por parte de seu ambiente imediato em um momento como esse – e chamo a atenção para esse ponto da falta de sustentação ambiental –, ela pode se tornar um ambiente imprevisível para o bebê, que, além de não oferecer estabilidade, pode tornar a adaptação bastante variável. A instabilidade pode se tornar traumática para o bebê, uma vez que os efeitos positivos de adaptações sensíveis ocasionais acabam sendo anulados.

De acordo com Winnicott (1965/1994), o parto de um bebê não é traumático para este ou para a mãe, se tudo corre como o esperado. Ambos estão preparados física e psicologicamente para o momento, uma vez que durante nove meses houve o desenvolvimento de tendências hereditárias que culminaram com o parto. Pude notar no relato de Karla, entretanto, que houve uma complicação no parto de sua filha, o que pode nos levar também a pensar que houve um trauma. Como disse antes, a instabilidade pode ser traumática, não apenas para o bebê, mas também para uma mãe que se encontra em um estado de regressão no momento do parto, vivendo situações não previstas, ou acima de sua capacidade já amadurecida para lidar.

O fato é que Karla criou o movimento que, de acordo com suas palavras, visa combater a construção social com base na ética cristã, de que a mulher teria um amor incondicional pelo filho. Embora eu não compartilhe de forma simplista dessa visão, parece haver uma contradição nesta afirmação de Karla em relação ao que ela afirmou antes, que, mesmo tendo se arrependido de ter se tornado mãe, ama sua filha. Ela disse mais:

Penso também na importância de avisar as mulheres que não tiveram filhos ainda, as que estão pensando em ter, sobre o que de fato é a maternidade. É preciso acabar com o lado romantizado da maternidade, que é muito nocivo para todas nós, que causa tristeza, depressão e morte.

Como avisar às mulheres o que de fato é a maternidade, se, na verdade, estamos lidando com sentidos dados à maternidade?

Winnicott era ciente de que a capacidade de uma mulher para ser mãe não estava vinculada ao seu nível de inteligência e, muito menos, ao aprendizado por meio de manuais, livros, palestras, entre outros meios. Para ele, é uma capacidade natural que vai se

desenvolvendo durante a gravidez e tem muito a ver com sua própria experiência de ter sido um bebê e de ter recebido cuidados. Winnicott se refere, assim, ao desenvolvimento de uma capacidade natural que é, no início, potencial. Isso quer dizer que nem todas as mulheres conseguirão desenvolvê-la, uma vez que, desde o seu próprio nascimento, o amadurecimento da mulher pode sofrer vários atravessamentos que podem interferir nessa capacidade; pode inibi-la, por exemplo, ao ponto de a mulher sequer conseguir perceber ou reconhecer o seu interesse de mãe ou interesse de ser mãe.

Karla caracteriza o movimento “Mãe arrependida” como um movimento de amor, para que sua filha possa fazer uma “escolha real e consciente sobre a maternidade”. E então eu pergunto: será isso possível? Será que é possível a uma jovem saudável perder o contato com o seu mundo subjetivo, perder a capacidade de conotar os fatos objetivamente percebidos e viver sem qualquer tipo de ilusão? Será que se você estiver passeando com seu filho e ele começar a correr, e você pedir para que ele pare, porque caso contrário ele pode cair e se machucar, será que ele vai parar? A minha experiência me diz que ele pode não parar, porque está adorando correr, sentindo o vento e o movimento do próprio corpo. Ele pode continuar e não cair, e pode pensar que se tivesse parado, não teria vivido o que viveu. Ele pode parar e ficar sempre pensando que perdeu alguma coisa. Ele pode continuar e cair, e mesmo com os joelhos e mãos machucados, sentir que valeu a pena. É verdade que posso ir falando ao meu filho sobre os riscos do correr, ajudando-o a correr com menos riscos, ou com riscos menores, mas seria muito triste tirar-lhe todos os sonhos e ilusões, em prol de um sentido dado ao correr que não é o seu.

Ao me interessar por esse tema, descobri que havia um livro intitulado *Mães arrependidas*, da antropóloga e socióloga israelense Orna Donath, de 2017. Donath defende a tese da pressão social sobre as mulheres para serem mães e que o arrependimento é constatado quando a mulher sente que cometeu um erro ao se decidir por gestar ou adotar uma criança, dando-se conta de que todas as dificuldades que acompanham a maternidade não valem a pena. Por outro lado, ela traz também a maternidade vivida plenamente com prazer, dúvidas, alegrias, medo, sem romantismo e sem perfeccionismo. Assim, considero importante destacar a diferença que há entre o sentido de a maternidade ser algo que acaba com a vida da mulher e o sentido de a maternidade ser um acontecimento real, sem idealizações.

Algumas mulheres entrevistadas no site Universa UOL² sobre esse tema, sentem-se como se estivessem em uma “prisão”. Uma delas disse: “O que dói é o fato de ter que se doar

² Todas as entrevistas referidas neste texto podem ser encontradas em:
<https://www.uol.com.br/universa/reportagens-especiais/maes-arrependidas/>

por outra pessoa, o tempo que passa e não volta mais”. Contudo, afirmou também: “Sou grata à minha mãe, porque, se eu consegui ter uma carreira, foi porque outra mulher me ajudou e abriu mão de muita coisa por mim”. Ela agradece à mãe pelo fato de tê-la ajudado a olhar os seus filhos para que pudesse ser uma boa profissional, mas parece se esquecer que, antes disso, ou melhor, para isso, essa mulher teve que primeiramente decidir gestá-la e deixá-la nascer.

Outra entrevistada disse: “A gente tem a falsa ilusão de que filho só vai trazer alegria”, “ninguém fala dos problemas, do emocional, que seus amigos vão sumir, que você não vai ter apoio”. Pergunto mais uma vez: Como isso poderia ser dito sem trazer problemas para uma mulher que não necessariamente iria viver o mesmo? Se isso não se trata de um significado, mas de um sentido dado?

Não se pode condenar essas mulheres por terem se arrependido de serem mães. É muito difícil falar sobre isso, mas não falar é pior, não tomar consciência é prejudicial, pois pode conduzir à formação reativa do sentimentalismo. De acordo com Winnicott (1947/1993, p. 287), “o sentimentalismo é inútil para os pais, pois contém uma negação do ódio” e, em um ambiente sentimental, o bebê terá muitas dificuldades de tolerar a extensão do seu próprio ódio.

No texto de 1947, “O ódio na contratransferência”, Winnicott (1947/1993, p. 285) sugeriu “que a mãe odeia o bebê antes que o bebê a odeie, e antes que o bebê possa saber que sua mãe o odeia” e apontou vários motivos para a relação da mãe com o filho não ser só de amor. Ele apontou, por exemplo, o fato de o filho não ser o bebê das brincadeiras infantis e, portanto, não atender aos sonhos e fantasias da mãe; de o bebê ser um perigo para o corpo da mãe durante a gestação e o parto, machucar seus mamilos durante a amamentação e mordê-la por amor; de o bebê ser impiedoso, tratá-la como uma escrava e ditar tudo à sua maneira e no seu próprio ritmo.

Sentir ódio nessas situações não é o problema... o problema é não compreender os diferentes sentimentos – amor e ódio – como partes de uma relação de muita intimidade e dependência, e acreditar que nada disso deveria estar acontecendo. Romantizar a maternidade, ou acreditar que o filho só vai lhe trazer alegrias é indício de imaturidade, assim como também é imaturidade, acreditar que o obstáculo para viver a vida dos seus sonhos é a maternidade. Grande engano... como disse Winnicott, a vida é difícil!

Mesmo que a mulher fosse suficientemente amadurecida para ser mãe, que tivesse suficiente tolerância e compreensão para todas as dificuldades e alegrias da maternidade, ela precisaria contar ainda com um elemento considerado por Winnicott, que nunca deve ser menosprezado: a *sorte*. Em suas palavras, “o desenvolvimento emocional individual é precário, e quando tudo vai bem existe muita dor e também muita alegria, e o elemento sorte também

conta” (1970/1997, pp. 236-237). Embora uma mulher possa ter um potencial saudável suficiente para ser um ambiente facilitador para o seu filho, situações externas podem ocorrer, que ficam fora da capacidade de controle desse ambiente.

Lembro-me que, ao ler o caso *Piggle* tratado por Winnicott, notei que ele incluiu, entre as consultas relatadas, a ocorrida em 09/06/1964 (5ª consulta), na qual o calor interferiu no andamento da sessão, provocando sono e letargia em si, obrigando-o a deixar a janela aberta com os ruídos externos incomodando *Piggle*. Com esse relato, Winnicott possibilitou-nos compreender os pontos de sua teoria nos quais colocou a *sorte* como fator indissociável de um desenvolvimento satisfatório, tanto de uma relação quanto do próprio indivíduo. Outro exemplo do seu pensamento sobre esse fator se encontra em suas “Reflexões sobre a sociedade”, reunidas na terceira parte de *Tudo começa em casa*. Ao analisar as relações daqueles que se encontravam suficientemente livres e saudáveis – consigo mesmos e com os que não se encontravam da mesma maneira –, Winnicott (1969/1996, p. 247) também se referiu ao fator sorte como inerente à condição saudável desses indivíduos: “Não foi nada além da sorte o que lhes deu a oportunidade de serem saudáveis”.

Entende-se, assim, que, em muitos momentos, por fatores alheios a qualquer contexto desejável, as condições se modificam sem que se possa fazer algo para evitar tais mudanças indesejáveis. Com base nisso, pode-se compreender, em meio a toda a sua teorização, que ressalta a responsabilidade do ambiente para o amadurecimento saudável do potencial hereditário do indivíduo, a necessidade de se evitar a culpabilização dos pais no tocante ao fracasso de suas relações com o filho.

No início deste texto, levantei a questão “Que modo é esse com o qual, nós, enquanto membros de uma sociedade ou comunidade, estamos olhando para as mulheres que se tornam mães e que faz com que elas necessitem fazer emergir um movimento para que possam ser ouvidas, percebidas e apoiadas?” É exatamente esse modo e a culpabilização inerente a este que Winnicott quis tanto evitar; um modo que está presente entre nós, que se trata de uma defesa que acionamos para não nos darmos conta de que também somos responsáveis pelo oferecimento de condições que essas mães e pais necessitam para desenvolverem suas funções. Uma orientanda minha do mestrado, Fernanda Pimenta, encontrou um estudo americano em que seus autores dizem que “é preciso uma comunidade para criar uma mãe” – uma assertiva muito winnicottiana!

Por fim, gostaria de dizer a todas as mulheres que pertencem ao movimento “Mãe arrependida” que acredito quando elas dizem que, apesar do arrependimento, elas amam seus filhos. Acredito nisso porque entendo que não é a maternidade que lhes traz responsabilidades,

dores, medos, frustrações, falta de tempo para si mesmas, obrigação de cuidar... o que traz tudo isso é o amor. Se vocês não amarem, em razão de dificuldades na constituição do si mesmo, não sentirão nada disso, mesmo que gerem e deem à luz um filho. Se vocês amarem alguém, sentirão medo, frustrações, aprisionamento, compromisso de oferecer cuidados, não vão pensar em si e vão se doar, mesmo que um dia se arrependam. E não tem nada de romantismo nisso, tem natureza humana.

Referências

- Donath, O. (1917). *Mães arrependidas: uma outra visão da maternidade*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira.
- Goldgrub, F. (2011). Significado significação sentido. *Psicologia Revista*. São Paulo, 20(1).
- Serralha, C. A. (2017). A teoria do amadurecimento e as novas configurações familiares. *Natureza Humana*, 19(2), 163-177.
- Winnicott, D. W. (1947). O ódio na contratransferência. In D. W. Winnicott, *Da pediatria à psicanálise: obras escolhidas* (pp. 277-287). Rio de Janeiro: Imago, 2000.
- Winnicott, D. W. (1948). Pediatria e psiquiatria. In D. W. Winnicott, *Da pediatria à psicanálise: obras escolhidas* (pp. 233-253). Rio de Janeiro: Imago, 2000.
- Winnicott, D. W. (1956). A preocupação materna primária. In D. W. Winnicott, *Da pediatria à psicanálise: obras escolhidas* (pp. 399-405). Rio de Janeiro: Imago, 2000.
- Winnicott, D. W. (1965). O conceito de trauma em relação ao desenvolvimento do indivíduo dentro da família. In D. W. Winnicott, *Explorações Psicanalíticas* (pp. 102-115). Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.
- Winnicott, D. W. (1966). Os elementos masculinos e femininos ex-cindidos encontrados em homens e mulheres (Parte I do capítulo 28, Sobre os elementos masculinos e femininos ex-cindidos [*split off*]). In D. W. Winnicott, *Explorações Psicanalíticas* (pp. 134-144). Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.
- Winnicott, D. W. (1969). A liberdade. In D. W. Winnicott, *Tudo começa em casa* (pp. 238-247). São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- Winnicott, D. W. (1970). Psiquiatria infantil, serviço social e atendimento alternativo. In D. Winnicott, *Pensando sobre crianças* (pp. 235-238). Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.
- Winnicott, D. W. (1988). *Natureza humana* (Traduzido por Davi Litman Bogomoletz). Rio de Janeiro: Imago, 1990. (Título original: Human Nature)